



A Revista HISTEDBR On-line publica artigos resultantes de estudos e pesquisas científicas que abordam a educação como fenômeno social em sua vinculação com a reflexão histórica

Correspondência ao Autor
Nome: Cristian Giacconi
E-mail: cgiacconi@ucs.br
Instituição Universidade de Caxias do Sul, Brasil

Submetido: 21/06/2018
Aprovado: 15/04/2019
Publicado: 31/07/2019

[doi> 10.20396/rho.v19i0.8652747](https://doi.org/10.20396/rho.v19i0.8652747)
e-Location: e019031
ISSN: 1676-2584



RODEGHERO, C. S.; GRINBERG, L.; FROTSCHER, M. (org.). **História oral e práticas educacionais**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2016.

HISTÓRIA ORAL E SUAS PRÁTICAS EM DIFERENTES CONTEXTOS EDUCATIVOS

  Cristian Giacconi¹



A obra intitulada *História Oral e práticas educacionais*, organizada pelas autoras Carla Simone Rodeghero, Lúcia Grinberg e Méri Frotscher, é resultado das discussões de pesquisadores de diferentes áreas e formações originadas do XIII Encontro Nacional de História Oral realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em Porto Alegre no ano de 2016. O principal objetivo da obra é suscitar reflexões aos leitores sobre os estudos, as experiências e as potencialidades da utilização da metodologia da história oral nos âmbitos do ensino básico, universitário e nos espaços não formais de ensino aprendizagem.

O livro é dividido em três partes e composto por doze capítulos. A resenha foi formatada e organizada a partir da junção das principais ideias, reflexões, argumentações e análises dos autores, relacionando a metodologia da história oral com suas práticas educacionais em diferentes contextos.

Na primeira parte, intitulada *História Oral e Práticas Educacionais* são discutidos os trabalhos: *De volta ao futuro: o poder político da História Oral na Educação*, de Kristina R. Llewellyn; *Dois temas sensíveis ao ensino de História e as possibilidades de História Oral: a questão racial e a ditadura no Brasil*, de Verena Alberti, e *História Oral e história recente do Brasil: desafios para a pesquisa e para o ensino*, de Carla Simone Rodeghero.

Os artigos proferem sobre os aspectos políticos, étnicos, raciais, religiosos e a utilização da história oral em diferentes pesquisas, considerando que esta utilização sempre deve estar abalizada por critérios metodológicos e teóricos. Através das representações das memórias evidenciadas pelas narrativas de diferentes grupos sociais, em determinado contexto, são provocadas novas ou outras reflexões, questionamentos e análises, com intuito de compreender os significados, sentidos, experiências, identidades, espaços, práticas e culturas.

Assim, um olhar crítico às fontes usadas nas narrativas permite ao pesquisador diferenciar o conhecimento baseado no senso comum, possibilitando uma consciência crítica argumentativa ao questionar o passado, seja para reconhecê-lo ou desconhecê-lo. Todavia, ressaltam que outras fontes históricas, quando disponíveis, devem ser consideradas e miscigenadas, entrecruzando-se com a história oral, para que deste modo possam criar potencialidades ou limites por meio dos indícios das narrativas e nas relações constituídas entre o passado, a fonte e o conhecimento elaborado.

Destacam que o estímulo afetivo e a proximidade dos entrevistados ao contexto pesquisado tornam-se elementos importantes para se tecer relações entre a fonte e aquilo que ela documenta, bem como quais as questões devem ser elaboradas para entrevista a partir desta aproximação. Envolver os sujeitos com a história oral é dar valor às experiências do outro, aprender a escutar e a questionar, mas também dar o retorno da investigação àquelas pessoas que foram entrevistadas, pois fazer história é ensinar a pensar e a refletir sobre o passado.



Na segunda parte, denominada *História Oral: experiências e possibilidades na educação formal e não formal* são apresentados os artigos: *História Oral e ensino de História: experiências e debates*, de Isabel Cristina Martins Guillen; *História, memória e performance em narrativas orais de crianças*, de Luciana Hartmann; *História do Tempo Presente, História Oral e ensino de História*, de Marieta de Moraes Ferreira; *Memória, cultura e educação não formal: experiências de pesquisa*, de Olga Rodrigues de Moraes von Simson, e *O amor entre a voz e a coisa: a construção de uma exposição sobre o amor a partir de depoimento dos doadores de objetos*, de Kênia Sousa Rios. Os trabalhos versam sobre a utilização da história oral vinculada às atividades educacionais, em diferentes níveis, nos espaços formais e não formais de ensino aprendizagem.

Os estudos estão centrados nas trajetórias, histórias e contextos de sujeitos marginalizados² e de comunidades locais, sejam nos processos de aprendizagem, ao defender a utilização de abordagens educacionais mais atraentes e prazerosas, no fortalecimento identitário a partir do envolvimento da comunidade e sua experiência histórica dentro de um determinado contexto espaço-temporal, das evidências culturais por meio das memórias e seus traços de união entre passado-presente local, sejam nas diversas inter-relações econômicas, familiares, religiosas e sociais realizadas entre estes indivíduos.

A memória, seja individual ou coletiva, é o subsídio central da história oral, e esta, por sua vez, não possui uma “maneira correta” de ser efetivada. Porém, ressaltam para observação alguns fatores na análise e interpretação das narrativas, como: as diferentes versões, olhares ou distorções sobre um mesmo acontecimento, o pluralismo fatorial que estão envoltas, o modo como e a causa de os entrevistados relatarem as diferenças nas abordagens de diferentes faixas etárias, níveis educacionais e grupos sociais. No entanto, vê-se que a história oral possui potencialidade crítica no momento que as narrativas são colocadas a contraprovas ou cruzadas com outras fontes.

As narrativas partem das memórias, das relações de confiança entre o entrevistador e entrevistado, observadas e atreladas a um contexto maior. É necessária uma compreensão e distanciamento adequados entre pesquisador e entrevistado, para que, assim, possam ser revelados indícios impossíveis de ser descobertos por outros meios, tomando as narrativas como ações de um passado que chegam ao presente de maneira representativa, sempre repletos de (re)significação, de sentidos e intencionalidades.

Além disso, inserido nesta segunda parte, ressalto os questionamentos sobre o momento vivido pelo ensino da disciplina de história na escola. A principal pergunta mobilizada constitui-se acerca da disciplina ser considerada neutra ou ideológica. Entendo que, pela discussão gerada entre os autores, ela forneça as ferramentas para que os sujeitos possam elaborar suas próprias análises críticas sobre os acontecimentos. Este enfrentamento da disciplina escolar decorre de seu detrimento pelo senso comum, pelos meios de comunicação em massa, pela redução de sua carga horária escolar e pelo denominado presentismo, ou seja, “[...] as transformações trazidas pela aceleração do tempo, o foco no



imediatos e a perda de perspectiva futura.” (RODEGHERO, GRINBERG, FROTSCHER, 2016, p. 126).

A última parte da obra, nominada *História Oral, pesquisa, ensino e acervos* são debatidas as pesquisas: *História da Educação e História Oral: possibilidades de pesquisa*, de Luciane Sgarbi Santos Graziotin; *História Oral e Educação Matemática: perspectivas e um projeto coletivo*, de Antonio Vicente Marafioti Garnica e Maria Ednéia Martins Salandim; *Garimpendo memórias: esporte, lazer e Educação Física*, de Silvana Vilodre Goellner, e *Memórias em movimento: a experiência com fontes orais e visuais do Laboratório de História Oral e Imagem da UFF*, de Ana Maria Mauad.

Focalizam seus estudos nos potenciais de pesquisa em história oral por diferentes áreas do conhecimento, como o ensino de matemática, educação física, esportes e lazer, a partir dos acervos de narrativas orais. Salientam que os acervos são lugares de memória, que possuem representações individuais e coletivas, significações e simbologias, e que podem apresentar tanto potencialidades como limites conforme o enfoque, o tema ou objetivo dado no momento da realização da entrevista ou durante a sua transcrição.

O uso das narrativas através dos acervos orais para composição de uma pesquisa está condicionado a alguns fatores que são permeados de subjetividade. A memória, seja individual ou coletiva, não será relatada pelo entrevistado pela ordem dos fatos, nem de forma alfabética ou cronológica, cabendo ao pesquisador o uso de critérios e posicionamento para sua produção, organização e análise. Todavia, compreendem que a história oral, por meio da memória e suas representações, pode ir além da historiografia clássica e, assim, ter acesso a fatores ainda inexplorados. A utilização de outras fontes no auxílio da investigação é considerada importante – mas não fator fundamental – no momento que podem alimentar, justificar, atribuir significados ou refutar, contrapor, contestar as falas dos entrevistados.

Para composição de um acervo oral³, alguns critérios são comuns quando realizada a entrevista. Consideram a narrativa como um registro da memória – um arquivo de vida, pessoal, coletivo ou institucional – realizado por limites temporais mais atuais, pelas singularidades de cada sujeito e entrevista, pois as memórias são atravessadas pelo tempo, interpõe-se entre o passado e o momento da entrevista.

Existem relações nos estudos entre os “modos de fazer” a entrevista. Destaco elementos singulares, como a escolha e seleção dos entrevistados pela aproximação ao tema investigado, as datas e locais determinados em grande parte pelos entrevistados, o roteiro e as questões elaboradas a partir de um conhecimento prévio do contexto da pesquisa, a sensibilidade estabelecida entre o locutor e o entrevistador no ato de saber escutar e intervir, a escolha pelo método de transcrição, assim como a observância dos aspectos legais que permeiam as pesquisas com seres humanos.

Ao realizar a resenha desta obra, destaco alguns pontos de contato que emergiram dos doze capítulos. Parece ser um consenso entre os pesquisadores a criação de um acervo para



arquivar os depoimentos orais como um trabalho importante que visa a salvaguardar as narrativas para futuras análises de outros pesquisadores. O retorno ao sujeito ou grupo de entrevistados acerca dos “resultados” da pesquisa pode constituir memórias e identidades locais, estreitando laços destes sujeitos com a comunidade e aproximando o passado para as questões do presente. A potencialidade da história oral, desde que observados critérios e métodos, permite estudos com indivíduos ou grupos considerados marginalizados, o que acaba descentralizando os pensamentos dominantes e mecanicistas, ao humanizar estes sujeitos e gerar também um conhecimento para além do espaço acadêmico.

Notas

¹ Mestrado em Educação pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Bolsista de doutorado da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Contato: cgiacomoni@ucs.br

² O termo “marginalizado” refere-se aos sujeitos que não possuem voz ativa nos documentos considerados oficiais. Desta forma, são caracterizados pelas camadas mais populares, “[...] a história de quem vem de baixo, a história das mulheres, das crianças, dos jovens [...]” constituem este amplo grupo de sujeitos que não são reconhecidos como protagonistas da história. (RODEGHERO, GRINBERG, FROTSCHER, 2016, p. 206). Também refere-se a temas como: religiosidade, etnia, sexualidade, gênero, posição política dentre outros.

³ Destacam também a importância da criação de acervos históricos orais em repositórios digitais, pela facilidade de acesso aos pesquisadores de qualquer parte do mundo, pela salvaguarda da narrativa tanto oral quanto escrita e também para que estes arquivos não sejam deteriorados pelo passar dos anos, ficando assim disponíveis para muitas gerações.